

REPENSAR PARA TRANSFORMAR: DESAFIOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEIA FRENTE AOS SABERES DE MORIN



RETHINKING TO TRANSFORM: CHALLENGES OF THE CONTEMPORARY SCHOOL IN LIGHT OF MORIN'S KNOWLEDGE

LUIZ ROBERTO SERRALHEIRO VIANA

Graduação em Educação Física pela Faculdade FEFISA FACULDADES INTEGRADAS DE SANTO ANDRÉ (2003); Mestre em Educação pela UNIVERSIDADE METODISTA (2009); Coordenador Pedagógico na EMEF Benedito de Jesus Batista Laurindo – Pe. Batista.

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre os desafios da escola contemporânea à luz dos saberes propostos por Edgar Morin em *os sete saberes necessários à educação do futuro*. Partindo da compreensão de que o erro, a ilusão e as cegueiras paradigmáticas acompanham o conhecimento humano desde suas origens, discute-se como a educação atual permanece presa ao reducionismo, à fragmentação disciplinar e à reprodução de modelos tradicionais que desconsideram a complexidade do ser humano. O texto evidencia a necessidade de uma reforma paradigmática do pensamento, capaz de integrar razão, afetividade, cultura, história e condição humana. A partir de exemplos cotidianos e experiências práticas, mostra-se como a escola ainda valoriza predominantemente a técnica, ignorando a diversidade, a subjetividade e a multidimensionalidade dos sujeitos. Conclui-se que repensar a educação é essencial para transformá-la, reconhecendo a importância da humildade, do diálogo, da compreensão e da resistência diante das dificuldades que impedem o desenvolvimento de uma educação verdadeiramente humana.

Palavras-chave: Educação; Morin; Complexidade; Escola; Condição humana.

ABSTRACT

This article presents reflections on the challenges of contemporary schools in light of the knowledge proposed by Edgar Morin in the seven necessary skills for the education of the future. Starting from the understanding that error, illusion, and paradigmatic blindness have accompanied human knowledge since its origins, it discusses how current education remains trapped in reductionism, disciplinary fragmentation, and the reproduction of traditional models that disregard the complexity of the human being. The text highlights the need for a paradigmatic reform of thought, capable of integrating reason, affectivity, culture, history, and the human condition. Using everyday examples and practical experiences, it shows how the school still predominantly values technique, ignoring the diversity, subjectivity, and multidimensionality of individuals. It concludes that rethinking education is essential to transform it, recognizing the importance of humility, dialogue, understanding, and resistance in the face of difficulties that prevent the development of a truly human education.

Keywords: Education; Morin; Complexity; School; Human condition.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta dificuldades que, segundo Edgar Morin, estão ligadas ao predomínio do pensamento fragmentado, ao reducionismo e à incapacidade de compreender a complexidade humana.

No contexto brasileiro, esses desafios aparecem de maneira ainda mais evidente em uma sociedade marcada por desigualdades e conflitos, na qual a educação muitas vezes se limita à transmissão de conteúdos técnicos e ao cumprimento de currículos pré-estabelecidos. Morin defende que é necessária uma reforma do pensamento, capaz de integrar saberes, acolher a diversidade e considerar a condição humana como centro da educação. Nessa perspectiva, áreas como as artes e a Educação Física mostram-se essenciais por trabalharem simultaneamente corpo, cultura e sensibilidade.

Assim, este artigo busca refletir sobre como os saberes de Morin podem contribuir para repensar a escola contemporânea, apontando caminhos para uma prática educativa mais humana, crítica e capaz de articular conhecimentos de forma significativa.

A educação contemporânea enfrenta dificuldades que, segundo Edgar Morin, estão ligadas ao predomínio do pensamento fragmentado, ao reducionismo e à incapacidade de compreender a complexidade humana.

OS SETE SABERES NECESSÁRIOS A EDUCAÇÃO DO FUTURO

De acordo com Morin (2000) tanto o erro quanto a ilusão habitam a mente humana desde o homo sapiens, o autor cita ainda que todo conhecimento admite o risco do erro e da ilusão, sendo que o passado, mesmo o mais recente, foi dominado por erros e ilusões. Mais recentemente, Marx e Engels enunciaram em “A ideologia Alemã” que os homens sempre elaboraram falsas concepções de si próprios, do que fazem, do que devem fazer e do mundo em que vivem. Entretanto, é importante frisar que nem Marx e Engels conseguiram escapar desses erros. Deve-se então urgentemente, armar cada mente no combate virtual rumo a lucidez.

Ao tratar do calcanhar de Aquiles do conhecimento, ele diz que a educação precisa mostrar que não há conhecimento que não esteja ameaçado pelo erro e pela ilusão, isso porque a teoria da informação aponta que existe o risco do erro, pois são normais de acontecer sob o efeito de perturbações. Ainda segundo Morin, o conhecimento não é um espelho das coisas do mundo e sim objeto. As nossas percepções são simultaneamente, traduções e reconstruções cerebrais com bases em estímulos ou sinais captados. Exemplo: Quando não vamos com a cara de alguém; Morin cita ainda o erro intelectual e o erro na subjetividade do conheededor. O erro intelectual é o resultado do conhecimento sob forma de palavra, ideia, teoria que é fruto de uma tradução reconstrução por meio da linguagem e do pensamento. Exemplo: Falei algo errado, pois pensei errado e consequentemente agi errado; já o erro na subjetividade do conheededor é decorrente da interpretação da visão do mundo. Exemplo: Me faz falar ou agir da maneira que eu vejo o mundo. A projeção de nossos desejos ou de nossos medos e as perturbações trazidas por nossas emoções multiplicam os riscos de erros. O sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem nos cegar, sendo assim, quanto menos afetiva a pessoa for menor a chance de errar e vice-versa. Morin fala ainda da relação entre a inteligência e a afetividade e diz que pessoas violentas são extremamente frágeis. Ao tratar do eixo intelecto – afeto o autor diz que a capacidade de emoções é indispensável aos comportamentos racionais, assim sendo se o sujeito não se emocionar mais irá perder a capacidade de relacionar-se. Morin fala ainda sobre os erros mentais, intelectuais e erros da razão, além de falar sobre as cegueiras paradigmáticas, imprinting cultural, noologia e a incerteza do conhecimento.

Ao tratar do termo erros mentais diz que não há um dispositivo cerebral que permite distinguir a alucinação da percepção, o imaginário do real, o subjetivo do objetivo. O autor fala ainda da importância da fantasia e do imaginário no ser humano chegando a afirmar que é algo inimaginável. Quando trata dos erros intelectuais diz que quando o ser humano acredita em uma teoria fica suscetível a errar, para o autor a ciência trabalha em cima do erro, porém quando alguém fala que algo está errado existe uma resistência. Morin ao tratar dos erros da razão afirma que a racionalidade é a melhor proteção contra o erro e a ilusão. Em as cegueiras paradigmáticas diz que os indivíduos conhecem pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles, é algo que vem de berço, Morin tem como modelo o grande paradigma ocidental (Descartes) que é baseado na separação do sujeito e objeto, no qual do lado esquerdo está a filosofia e a reflexão e do lado direito a ciência e a pesquisa objetiva. O autor comenta ainda sobre o Imprinting cultural que nada mais é do que uma marca indelével imposta pelas primeiras experiências do recém-nascido, depois as experiências da escola, no trabalho, na vida

cotidiana, ou seja, inscreve o conformismo a fundo e a normalização que acaba eliminando o que poderia contestá-lo. Ao tratar da noologia: a possessão diz que desde o alvorecer da humanidade vivemos em uma selva de mitos que enriquecem as culturas. Com o surgimento de deuses, mitos, seres espirituais o Homo sapiens foi levado a massacres, delírios, adorações, crueldades. Os mitos tomaram forma, consistência e realidade, baseando-se nas nossas fantasias, que são frutos de nossos sonhos e de nossa imaginação. Dessa forma, segundo Morin devemos ter ideias para combater as velhas ideias. Finalizando o capítulo I o autor fala sobre a incerteza do conhecimento, e diz que o conhecimento permanece como uma aventura para qual a educação deve fornecer um apoio indispensável então é a incerteza que anula o conhecimento simplista e é ao mesmo tempo quem movimenta e desperta o conhecimento complexo.

Vivemos na era planetária, nos tornarmos uma “aldeia global” injusta, conflituosa, em que os acontecimentos são conhecidos quando ocorrem, entretanto, só chega para nós o que interessa aos governantes. No caso específico do Brasil, vivemos uma guerra interna devido as diferenças sociais, basta relembrarmos o caso do Rio de Janeiro, no qual traficantes aparecem em canais de televisão dando entrevistas encapuzados e “armados até os dentes” desafiando a polícia devido as reformas do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no complexo do alemão, já a cidade de São Paulo é responsável por 1% de todas as mortes do mundo, sendo assim ficam as perguntas: como viver em uma aldeia heterogênea e saber qual a melhor cultura? como podemos ter acesso às informações sobre o mundo e como articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o contexto, o global, o multidimensional, o complexo? De acordo com Morin operando uma reforma do pensamento, mas uma reforma paradigmática (quebra paradigmas) e não de forma programática. Ainda de acordo com Morin a educação do futuro deve inspirar-se no princípio de Pascal: “sendo todas as coisas causadas e causadoras, mediatas e imediatas... considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tão pouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”. Não se pode isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras. Precisamos desenvolver uma consciência Planetária, pois nossas atitudes trazem consequências para a humanidade, uma vez que é impossível saber qual a melhor cultura, pois fomos levados a pensar que a nossa cultura é a verdadeira. Dessa forma, para vivermos nessa aldeia heterogênea precisamos problematizar a condição humana mais aprender as diferentes maneiras de ser pluralidade cultural e construir a justiça e a inclusão dos menos favorecidos.

O ser humano é uma unidade complexa, que adquiriu um caráter desintegrado na educação por meio das disciplinas, tendo se tornado impossível aprender o que significa ser humano. Desse modo a educação do futuro deve centrar-se na condição humana. É possível com base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humana, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, ciências humanas na literatura e na filosofia. Devemos reconhecer nosso duplo enraizamento no cosmos físico e na esfera viva, e ao mesmo tempo nosso desraizamento propriamente humano, estamos, pois, simultaneamente dentro e fora da natureza.

Morin fala ainda sobre a condição cósmica (aquecimento global, violência); condição física (a terra tem toda uma calibração que foi minuciosamente construída para que pudéssemos habitá-la,

entretanto os homens vêm alterando tudo). O ser humano vê a terra como um grande supermercado a explora, entretanto não repõe. Exemplo: queimadas para aceleração e utilização do solo, desmatamento, a relação do ser humano com a terra não foi de alteridade de tratar como um outro e sim com submetida a nós; condição terrestre (como seres vivos dependemos vitalmente da biosfera terrestre, temos uma identidade terrena física e biológica) e condição humana (a importância da hominização é primordial a educação voltada para a condição humana porque nos mostra como a animalidade e a humanidade constituem juntas a condição humana). O hominídeo humaniza-se.

O ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa, entretanto, o homem se não tivesse cultura, seria um primata do mais baixo nível, a cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido. De acordo com Morin o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano, nem mente sem cultura é uma tríade entre cérebro, mente e cultura em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro que suscita a cultura, que por sua vez não existiria sem o cérebro. Outra face da complexidade humana diz respeito a animalidade (mamífero e réptil) na humanidade e a humanidade na animalidade, ou seja, circuito razão/afeto/pulsão, segundo Morin as relações entre as três instâncias são complementares e antagônicas, comportando conflitos entre a pulsão, o coração e a razão. Correlativamente se faz necessário frisar que a relação entre ambas não obedece a hierarquia razão/afetividade/pulsão, pois há uma relação instável, permutante e rotativa entre as três instâncias. Portanto a racionalidade não dispõe de poder supremo, e sim é concorrente e antagônica as outras instâncias de uma tríade que é inseparável. Já no circuito indivíduo/sociedade/espécie de acordo com Morin os indivíduos são produtos do processo reprodutor da espécie humana que deve ser ele próprio realizado por dois indivíduos. Tais interações produzem a sociedade que testemunha o surgimento da cultura. De acordo com a antropologia: “A sociedade vive para o indivíduo, o qual vive para a sociedade, a sociedade e o indivíduo vivem para a espécie”.

Concluindo podemos dizer que a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade, sendo assim a complexidade humana não pode ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem, afinal todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais das participações comunitárias e do sentimento de pertencer a espécie humana.

Para Morin compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno, ou seja, para ele cabe a educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a diversidade não apague a ideia de unidade. Na esfera individual existe a unidade/diversidade genética no ser humano, todo ser humano carrega consigo os caracteres fundamentalmente comuns, e ao mesmo tempo, possui as suas próprias singularidades. Exemplo: Meninas lobo, Índia em 1920. Na esfera da sociedade existe a unidade/diversidade dos lugares (que nos

tornam gêmeos pela linguagem e separados pelas línguas), das organizações sociais e das culturas. Quando fala da diversidade cultural e pluralidade dos indivíduos diz que a cultura é o conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas, ou seja, não há sociedade arcaica ou moderna desprovida de cultura, mas a cultura é singular. O que pode ocorrer são as técnicas migrarem de uma cultura para outra. O ser humano por sua vez é ao mesmo tempo singular e múltiplo e traz em si o cosmo (galáxias de sonhos e fantasmas, desejos, amores desfeitos, abismos, lucidez, demências...).

Morin afirma ainda que todo ser humano é complexo e traz em si características antagônicas: sapiens e demens (sábios e loucos); faber e ludens (trabalho e lúdico); empiricus e imaginarius (empírico e imaginário); economicus e consumans (econômico e consumista) e prosaicus e poeticus (prosaico e poético). O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio, o homem do trabalho é também o do jogo, dessa maneira, no estudo do ensinar a condição humana surge a figura do Homo complexus, resultado do abandono de uma visão unilateral que define o ser humano que é um ser racional e irracional, sujeito de uma afetividade intensa e instável, somos seres infantis, neuróticos, delirantes e racionais. A loucura segundo Morin é também um problema central do homem e não apenas sua doença. Exemplo: Bomba atômica (a demência não levou a espécie humana às extinções, mas as energias nucleares liberadas pela razão científica poderão conduzi-la ao desaparecimento, então será que o gênio não é louco? Eis a pergunta que fica no ar).

No capítulo IV quando fala sobre a identidade terrena diz que o destino planetário do gênero humano é outra realidade chave até agora ignorada pela educação. Para o autor, convém ensinar a história da era planetária, que se inicia com o estabelecimento da comunicação entre todos os continentes do século XVI (Idade moderna, navegações em busca do domínio da terra) e mostrar como todas partes do mundo se tornaram solidárias sem contudo ocultar as opressões e dominações que devastaram a humanidade e que ainda não desapareceram (no caso do Brasil a questão da escravidão é um exemplo), será ainda preciso indicar a crise que marca o século XX, mostrando que todos os seres humanos confrontados de agora em diante com os mesmos problemas de vida e morte, partilham de um destino comum.

Em enfrentar as incertezas, Morin diz que surge um homem confrontando de todos os lados, levando sempre a novas aventuras solidárias, mas permanecendo como inimigos uns dos outros. A aventura incerta, que comporta em si mesma o riso da ilusão e do erro.

Em ensinar a compreensão Morin nos mostra que a educação para a compreensão está ausente do sistema de ensino, mesmo sabendo que educar para a educação humana é a missão espiritual da educação. De acordo com o autor ensinar a compreensão entre as pessoas como condição é a garantia de solidariedade intelectual e moral da humanidade. Baseado nesses conhecimentos pode-se afirmar que toda compreensão tem como condição essencial, mas não suficiente, a informação transmitida e compreendida, a inteligibilidade.

Finalizando no capítulo VII a ética do gênero humano o autor coloca que a ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral, e sim deve-se formar nas mentes com base na consciência do que o humano, e ao mesmo tempo individuo, parte da sociedade parte da espécie deve auxiliar em todo o processo de consciência de cidadania terrena.

Morin tem um pensamento transdisciplinar e faz críticas a fragmentação do conhecimento e ao reducionismo. Baseia-se na teoria cartesiana, pois para ele estudar descartes é um dos fundamentos do conhecimento. Ainda segundo Morin a gnosiologia é diferente da epistemologia. Gnostiologia é a teoria geral do conhecimento (senso comum, científico, filosófico, teológico, artístico e são maneiras de adaptar o conhecimento). Já a Epistemologia (ciência: fundamentos científicos de cada área do conhecimento). Segundo Morin a ciência sempre tem a tendência de simplificar as coisas, porém a partir do momento que simplificamos, precisamos entender que existe algo mais complexo.

O autor pode ser considerado o pai da teoria da complexidade. Complexidade: são muitos elementos que minha razão trabalha até um limite, pois existem várias ligações, em determinada situação não dá pra ir além de vislumbrar. Exemplo: Mar Profundo. A consciência diz a forma de como estamos no mundo e como me posicionei frente aos problemas, isso porque existe a possibilidade de mudarmos, reciclarmos.

Para ele na educação do futuro uma das vocações essenciais será o exame e o estudo da complexidade humana. O conhecimento perde a visão do todo, sendo que o todo é a ideia de complexidade de Morin. No fundo sempre se tem a perspectiva de ter um controle absoluto sobre as coisas, de acordo com Morin é possível ter um controle relativo, a complexidade é uma complicação transitória, isso porque ainda não conseguimos ter um controle sobre todas as coisas.

Conforme declara, Morin (2000) no século XX, efetuaram-se progressos gigantescos nos conhecimentos no âmbito das especializações disciplinares. Ao mesmo tempo provocaram a disjunção entre as humanidades e as ciências, assim como a separação das ciências em disciplinas hiper-especializadas, fechadas em si mesmas. Nestas condições as mentes formadas pelas disciplinas perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais. O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada um tende a ser assim como, ao enfraquecimento da solidariedade, cada qual não se sente os vínculos com seus semelhantes, isso porque a civilização prima em primeira instância pelo trabalho e pelo dinheiro (\$) e posteriormente pela humanidade, sentimento fraterno, amoroso...).

Entretanto, na opinião do autor a escola deve fazer os alunos evoluírem da informação para o conhecimento e do conhecimento para a sapiência. A educação deve promover a inteligência geral apta a referir-se ao complexo, ao contexto de modo multidimensional e dentro da concepção global. O uso da inteligência geral pede o exercício da curiosidade, a capacidade mais viva da infância, entretanto, a instrução extingue a capacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das ideias de Morin comprehende-se que suas reflexões oferecem contribuições fundamentais para repensarmos a educação em sua totalidade. O autor afirma que para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo dos conhecimentos derivados das ciências humanas, colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humana, bem como integrar a contribuição inestimável das humanidades (filosofia, história, literatura, poesia, artes). Diante das afirmações de Morin podemos considerar as artes e a Educação Física como um dos caminhos para a construção do conhecimento, isso porque, o homem se não tivesse cultura, seria um primata do mais baixo nível, a cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido. Em relação a questão da história, ela só existe, porque é inacabada como o ser humano. Outro fator diz respeito ao córtex cerebral que nos permite entender as diferentes culturas, entretanto infelizmente a escola só estimula o lado esquerdo (razão, lógica, discurso, ou seja padrões) e deixa de lado o hemisfério direito, mas a arte e a educação física têm a capacidade de trabalhar os dois hemisférios simultaneamente.

Sei que é muito difícil ser um “autor” pois, vivemos sobre a autoridade e acabamos sendo obrigados a reproduzir o que os outros disseram, ou seja, seguindo o hábito a tradição. Até mesmo dentro das instituições em que estamos inseridos, seja como aluno ou como docente, nós educadores sentimos essa dificuldade, já que temos sempre que cumprir determinadas vontades e currículos já impostos e que dificilmente poderão ser alterados. Entretanto, o autor nos leva a olhar para o ser humano de uma forma holística, através da canalização de uma proposta reflexiva diante das situações impostas pelo mundo, nunca perdendo a sensibilidade diante da vida. Ele defende ainda que devemos deixar a Aduldez de lado, pois, o professor quando vive nessa perspectiva se complica (eu sei, eu faço, eu controlo). “Já que somos seres infantis, neuróticos, delirantes e racionais”, devemos compreender que a infância é uma condição da existência humana, todavia se faz necessário frisar que não significa infantilizar o adulto e sim fazer com que o adulto esteja com a criança acesa dentro de si para poder compreender a criança.

Assim sendo, muitas são as reflexões a serem feitas em relação a tudo o que o autor defende, devemos buscar um posicionamento crítico e refletir sobre o que realmente estamos buscando no Mestrado e em nossa vida pessoal e profissional. É preciso sermos realistas a ponto de aceitarmos que dificilmente as coisas irão mudar do dia para a noite, todavia, devemos lutar mesmo que nem sempre alcancemos a vitória, jamais devemos desistir, ou seja, não podemos ser pessimistas a ponto de perdermos as esperanças de que um dia teremos avanços na área educacional e na sociedade brasileira em si.

Por mais difícil que seja a vida e por maior que seja a insegurança e até mesmo o medo do novo é preciso que tomemos uma posição hoje para que as transformações necessárias aconteçam no amanhã. Dessa forma, devemos ir tocando em frente em busca de dias melhores. De acordo com Morin produzimos avanços em todas as áreas do conhecimento científico, consequentemente produzimos

novas cegueiras para os problemas globais, geramos inúmeros erros e ilusões e por quê? Por não considerar os princípios maiores do conhecimento pertinente. O parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem de aprender o que está tecido junto (*complexus*). O ideal segundo Morin é que sejam trabalhadas as realidades, os problemas, a multidisciplinaridade, temas transversais, globais.

Dessa forma, é necessário que mudemos nossa concepção pedagógica, é certo que temos muito a ensinar, mas muito a aprender, devemos deixar de lado o ego do autoconhecimento (eu sou, eu domino todos os saberes, eu sou o “Deus” do conhecimento), temos ainda que entender que a Formação só focada na técnica não é suficiente. É nesse momento que escrevo uma frase do Mestre de Capoeira Carapau do grupo de academias de capoeira Angolinha “O campeão não é o que vence hoje e sim aquele que se prepara para o futuro” e é dessa maneira que nós educadores devemos pensar.

Concluindo digo que infelizmente a educação brasileira, com raríssimas exceções, visa essencialmente a transmissão de conhecimentos, em linhas gerais a escola pode ser considerada um espaço de conflitos, contradições, ou até mesmo um local de isolamento que tem como maior preocupação a transmissão de conhecimentos técnicos, levando os alunos a se tornarem vacas de presépio, ou seja, a fazerem tudo igual, assim sendo, as pessoas não se encontram na sua intimidade e só na subjetividade. A escola trabalhando de forma técnica forma a subjetividade. Exemplo: Menino de 18 anos e 6 meses ficou uns 10 anos dentro da escola, e até mesmo nas férias a sua mãe fica avisando quando irá voltar as aulas isso é um tormento, ou seja, a dança não muda continua a mesma. Se comportando dessa maneira, mostra-se cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e a ilusão, e consequentemente, não se preocupa em fazer conhecer o que é conhecer, assim sendo, o conhecimento do conhecimento seria a melhor maneira de enfrentar os riscos permanentes do erro e da ilusão que não cessam de parasitar a mente humana. Construção do conhecimento X Reprodução do conhecimento: Professora que alfabetizou utilizando a cartilha caminho suave clássico dos anos 80, alguém pede pra ela jogar tudo fora e começar do zero, entretanto o ideal seria dar tempo pra ela entender o novo e fazer uma síntese Heigel Tese Antítese Síntese= novo.

Mesmo com as dificuldades nunca devemos desistir, devemos ser resistentes e acreditar. Como dizia o professor Elydio dos Santos Neto na época do meu mestrado “A resistência só é ruim quando se torna desistência”. Pois, a vida não é só feita de sacrifícios, mas também é prazerosa, a vida é uma trama de prazeres e sacrifícios, porém precisamos saber lidar com tudo isso.

Sendo assim, apesar de todas as dificuldades encontradas na educação e na sociedade brasileira devemos persistir e lutar para que mudanças venham a ocorrer, todavia é necessário que nunca percamos a humildade, que saibamos respeitar as individualidades e dificuldades de cada um de nossos semelhantes e muito menos tentemos caminhar sozinhos, assim como dizia um Mestre de Capoeira cujo apelido é Lampião na época que eu era seu aluno “Para ser superior é preciso se dedicar, mas acima de tudo ser humilde”, sendo assim eu finalizo dizendo que eu quero apenas...

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro.** São Paulo, Cortez, UNESCO, 2000.